

# O PULSAR DA ESCRITURA: UMA ANÁLISE DE LINS SOBRE AS TEMÁTICAS DE LIMA

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i37p30-44>

**Darcy Attanasio Taboada Ramos**

“A boca fala do que o coração está cheio”

(Lc, 6, 45)

## RESUMO

O intento deste artigo é pôr em evidência a leitura de Osman Lins acerca de questões vitais da escrita de Lima Barreto, muitas referidas na sua tese *Lima Barreto e o espaço romanesco*; destacar que o pulsar da escritura limeana encontra ressonância no espírito de Lins em temáticas como o amor à literatura e as carências e os preconceitos estruturais que estão na nossa formação cultural e atingem não só os leitores, mas também escritores e editores. Com frequentes dificuldades financeiras, vivendo as dores e os estigmas da privação de saúde mental familiar e pessoal, com a consciência do racismo estrutural na sociedade brasileira, Lima Barreto alavancou forças para enfrentar tal contexto com verdadeira obsessão, sem timidez. Osman Lins, igualmente, com a publicação de *Guerra sem testemunhas*: o escritor, sua condição e a realidade social, um ensaio literário de 1969, dedicou-se a apontar muitos desses entraves e a dar mostras do próprio embate com o poder. Desse modo, o artigo se propõe a confirmar que, mesmo com peculiaridades em seu processo de criação literária, as análises de Lins a respeito de Lima demonstram a atitude combativa de ambos, cada qual focalizado sobre o próprio tempo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lima Barreto; Osman Lins; *Guerra sem testemunhas*; preconceito estrutural.

**ABSTRACT**

*The aim of this article is to underline Osman Lins's views on vital themes in Lima Barreto's writing, many of which are referred to in his thesis *Lima Barreto e o espaço romanesco* (Lima Barreto and the romanesque space); to emphasize that the pulse of Lima's writing resonates in Lins's spirit in themes like the love of literature and the structural needs and prejudices that are in our cultural formation and affect not only readers, but also writers and editors. With frequent financial problems and experiencing the pain and stigma of his and his family's mental disorders, with full awareness of the structural racism at the Brazilian society, Lima found the strength to obsessively and fearlessly fight them. Osman Lins, in a similar way, with the publication of *Guerra sem testemunhas: o escritor, sua condição e a realidade social* (War without witnesses: the writer, his condition and social reality) a literary essay from 1969, had pointed at showing many of these obstacles and at giving demonstration of his own struggle with power. In this sense, this article proposes to confirm that, despite the peculiarities of his literary creation process, Lins's analyses show the combative attitude of both, each of them attentive to their own time.*

**KEYWORDS:** *Lima Barreto; Osman Lins; Guerra sem testemunhas (War without witnesses); structural prejudice.*

## A vitalidade da escrita limeana

**O**smar Lins (1924-1978) revela que se aproximou mais da obra de Lima Barreto (1881-1922) quando, em 1973, para a obtenção do grau acadêmico de doutor, escolheu se aprofundar no trabalho desse autor, com destaque para a relevância do espaço na sua ficção, e, sob orientação do professor Alfredo Bosi, defendeu, na Universidade de São Paulo, a tese intitulada *Lima Barreto e o espaço romanesco*, que viria a ser publicada em 1976.

Na introdução da tese, “Escrito depois, para ser lido antes”, Lins afirma sua satisfação em voltar às leituras limeanas, o que lhe deu a oportunidade de descobrir um escritor ‘*diferente*’, “com personalidade e objetivos próprios” e lhe revelou o “homem” e o “ficcionalista” (LINS, 1976, p.11). Manifesta, assim, uma dupla alegria, pelo lugar de reconhecimento que Lima alcançou em seu espírito e por encontrar a mesma afinidade e simpatia pelo referido autor da parte de seu orientador.

Lins acrescenta que, na construção de “obra pessoal e identificada com o seu tempo” (Idem, p.13), Lima exerceu dignamente seu ofício, teve a “coragem” de assumir a condição de escritor negro, que leu em profundidade as necessidades e mazelas sociais do país, e não se eximiu em denunciar as barreiras fundadas nos preconceitos, que impediam os mais vulneráveis de terem voz e participação social.

Acerca de seu amor à literatura, Lima Barreto identifica-se com os preceitos de Jean-Marie Guyau (1854-1888), para quem o papel da obra de arte é revelar o destino de “umas almas às outras, de restabelecer entre elas uma ligação necessária ao mútuo entendimento dos homens” (BARRETO, 2017, p.129). Nessa linha, esclarece Antônio Houaiss, em prefácio à obra *Vida urbana*, a literatura é para ele “sobretudo ‘comunicação’, e comunicação militante – ‘militante’ é a palavra que ele mesmo emprega – em que o autor se engaja, tão ostensivamente quanto possível, com suas palavras e o que elas transportam, a mover, demover, comover, remover e promover” (apud LINS, 1976, p.18).

Em sintonia com esses propósitos, Osman Lins declara, em “Nota Preliminar” ao ensaio *Guerra sem testemunhas: o escritor, sua condição e a realidade social*, escrita para a edição de 1974, que, sobre “entidade tão perturbadora” como a literatura, situada no “centro da própria existência”, ele abriga o sonho de “acender ou intensificar em outros homens” (LINS, 1974, p. 12) o interesse e a “paixão” que a ela dedica. A palavra escrita é “o fio de prumo, a única coisa a ajudar o homem a se orientar no desconcerto deste mundo. Escrevendo ou lendo, o homem vai ser ajudado a encontrar o seu centro” (LINS, 1979, p.146).

Lima e Lins, dois escritores comprometidos de corpo e alma com a literatura, fizeram-na seu ofício, construída com elementos da própria biografia, sobre uma base de princípios éticos, acerca da insatisfação “com o caráter da sociedade”. Ambos munidos “com um senso muito agudo da honra”, não transigiram em seus valores (LINS, 1976, p.26).

Desde jovem, como comenta Prado (1989, p.4), os escritos de Lima já revelavam espírito combativo e simpatia por utopias e ajustes sociais, que apareceriam nas denúncias de arrivismo, de bovarismo, das tramas da burguesia nascida com o novo nacionalismo republicano e, mais que tudo, da supervalorização da “retórica dos bacharéis”, que adensariam barreiras para impedir que camadas pobres ascendessem ao poder, bem como descaracterizar o mecanismo de funcionamento da sociedade pela exclusão.

Da fraqueza física, econômica e social de Lima Barreto nasceu a força de suas análises. Osman Lins (1976, p.11) enxergou a potência da escrita limeana pelos “traços

*humanos*”, pela “expressão do homem em face do mundo”, pelo “homem brasileiro em face do seu meio e do seu tempo”.

Em suas denúncias, Lima criou personagens como “os Loberants, os Bogóloffs, os Numas e os Cassi Jones”, que aparecem em meio à ironia, às sátiras; no entanto, como não só desses recursos vive sua escrita, ela abre “o doloroso mecanismo de resgate por onde passarão depois os quixotes e sonhadores como Policarpo Quaresma e Gonzaga de Sá” (PRADO, 1989, p.4), personagens que chegam a comover pelo misto de pureza, ingenuidade e falta de posicionamento efetivo diante dos fatos.

Crítico dos incapazes de exercer o posto que ocupam e daqueles que usam do autoritarismo do cargo e do dinheiro para fazer o negócio prosperar, o autor descortina ao leitor essas facetas de caráter, como o caso de Ricardo Loberan, proprietário e dirigente do jornal, em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*:

Ninguém o sabia jornalista, mesmo durante o seu curso mal-amanhado não sacrificara às letras: fora sempre tido como *viveur*, gostando de gastar e frequentar a sociedade das grandes *cocotes*. Um belo dia, o público da cidade ouviu os italianos gritarem: “*O Globo! O Globo!*”. Os curiosos compraram-no e com indiferença leram ao alto o nome do diretor: Ricardo Loberant. Quem é? Ninguém sabia. [...] Aquele jornal que era sua propriedade, recebia também a sua inspiração. Nenhum dos seus redatores tinha personalidade suficientemente forte para resistir ao ascendente da sua. Medíocres de caráter e inteligência, embora alguns fossem mais ilustrados que ele, a ação deles no jornal recebia impulsão do doutor Ricardo, o sinete de sua paixão dominante, a sua característica; e esta era o despeito de sua fraca capacidade intelectual, a resistência que seu cérebro oferecia ao trabalho mental contínuo, de modo a não lhe permitir chegar às altas posições pelo prestígio do talento e do estudo [...]. (BARRETO, 2010, p.171-2)

Em *Numa e a ninfa*, as críticas da escrita limeana se concentram nos oportunismos de estrangeiros que por aqui se estabeleciam e, o mais grave, o papel exercido pelos próprios brasileiros, que, muitas vezes, eram quem desmerecia nossos produtos, instituições, nossa gente, o próprio país. Um caso típico é o do personagem russo Grégory Petróvitch Bogóloff, que, inicialmente, se dedicou à agricultura, determinado a desenvolver produtos locais, mas, desestimulado pelas adversidades do campo e pelas sugestões de seu intérprete brasileiro, despertou para o oportunismo.

- És tolo, Bogóloff; devias ter-te feito tratar por doutor.
- De que serve isso?

- Aqui, muito! No Brasil, é um título que dá todos os direitos, toda a consideração... Se te fizesses chamar de doutor, terias um lote melhor, melhores ferramentas e sementes. Louro e estrangeiro, ias longe! Os filósofos do país se encarregavam disso. (BARRETO, 2017c, p.102).

Algum tempo depois, diante dos insucessos com o plantio da terra, o emigrante abandona a roça, vai para o Rio de Janeiro e depara com Lucrécio Barba de Bode, um malandro, que se oferece para “ajudá-lo”. Rapidamente, Bogóloff se vê encaminhado na política e transformado em doutor. O russo aprende rapidamente as linguagens e os cacoetes do meio, passa a aderir às trapanças e a sugerir outras piores, revelando-se sem escrúpulos. Assim, vamos encontrá-lo atuando no alto escalão da política, a oferecer seus conhecimentos sobre a reprodução de animais ao ministro Costale, o Xandu – como era conhecido entre os políticos.

- Por meio da fecundação artificial, excelência, injetando germens de uma em outra espécie, consigo cabritos que são ao mesmo tempo carneiros e porcos que são cabritos ou carneiros, à vontade.

Xandu mudou de posição, recostou-se na cadeira; e, brincando com o monóculo, disse:

- Singular! O doutor vai fazer uma revolução nos métodos de criar! Não haverá objeções quanto à possibilidade, à viabilidade?

-Nenhuma, excelência. Lido com as últimas descobertas da ciência e a ciência é infalível.

[...] Dentro de dias Grégory Petróvitch Bogóloff era nomeado diretor da Pecuária Nacional. (p.163-5)

Já em *Clara dos Anjos*, Lima coloca como personagem uma jovem ingênua moradora do subúrbio do Rio de Janeiro, que sofre os estigmas de sua origem negra e acaba por ser seduzida por um espertalhão, Cassi Jones, um rapaz branco, o qual logo depois a abandona. O mau caráter tinha por prática conquistar as mulheres de seu interesse e as deixar com as consequências de seus atos. Nesse personagem, Lima concentra a exploração feminina, a exploração sexual das mulheres e o machismo, que não responde por seus crimes. Um romance comovente em que “a figura de Clara dos Anjos vai sendo construída com absoluta originalidade” (BARRETO, 2012, p.20). Impactante é “o diálogo final, abrangente, plural, polifônico e comovente” (p.22), em que Lima Barreto traduz a condição em que se encontrava, especialmente, a mulher negra, como se confere:

- Mamãe! Mamãe!
- Que é minha filha?
- Nós não somos nada nesta vida. (Idem)

Carregados de emoção, os textos de Lima Barreto remetem à tradição da formação brasileira. Ele evoca nosso “passado primordial, da imigração lusa e negra que fundou o país e traçou-lhe as peculiaridades”. Seu olhar profundo mostrou o poder das forças sociais a moldarem seus personagens (SEVCENKO, 2003, p.239). O escritor carioca evidenciou as relações, os vínculos originários, africanos e europeus em nosso país (p.247).

Em sua perspicácia e percepção, atento às múltiplas contribuições em nossa formação como nação, o autor expressa uma visão mais que atual para os dias de hoje. Lima já havia se dado conta de que na variedade étnica residia o tesouro do povo brasileiro, como se pode conferir:

O Brasil é mais complexo, na ordem social econômica, no seu próprio destino, do que Portugal. A velha terra lusa tem um grande passado. Nós não temos nenhum; só temos futuro. E é dele que a nossa literatura deve tratar, da maneira literária. Nós nos precisamos ligar; precisamos nos compreender uns aos outros; precisamos dizer as qualidades que cada um de nós tem, para bem suportarmos o fardo da vida e de nossos destinos. Em vez de estarmos aí a cantar cavalheiros de fidalguia suspeita e damas de uma aristocracia de armazém por atacado, porque moram em Botafogo ou Laranjeiras, devemos mostrar nas nossas obras que um negro, um índio, um português ou um italiano se podem entender e se podem amar, no interesse comum de todos nós. (BARRETO, 2017, p.129-30).

Se, por um lado, observamos um Lima Barreto desalentado, entristecido pelas próprias dificuldades, pelas negações no trabalho, na vida social e cultural, por outro, ele tinha consciência de que o problema estava enraizado na sociedade. Apesar de suas próprias experiências aparecerem em suas obras, não se pode dizer que o foco de suas análises tenha sido autocentrado ou tenha partido de um egocentrismo exacerbado. Ao transpô-las para o mundo literário, suas denúncias se universalizaram, pela maneira lúcida e verdadeira com que elaborou personagens a expressar as problematizações.

As observações de Lima Barreto abrangiam muito além do aspecto social. Ao analisar o ser humano, ele nos entendia a partir de uma visão darwinista da espécie

humana. Assim, nem superior, nem inferior, mas como parte da natureza. Em texto de apresentação da *Floreal*, a sua tão sonhada revista que não passou do quarto número, Lima ressaltou a importância de não nos dissociarmos da Natureza, que tem a nos ensinar acerca da coexistência entre os seres, sem que um diminua a grandeza do outro. Nessa óptica, ele oferece como exemplo “os monstruosos *Hipparions* do mioceno lentamente envolveram até à esbelteza do *pur sang* contemporâneo; ao lado deles, porém, pela superfície da Terra, quase sem modificações, os mastodontes terciários ficaram nos nossos elefantes atuais” (BARRETO, 2017, p.56).

### **O solo de uma vida**

Como defende Osman Lins (1979, p.158), “a condição de escritor está ligada à condição de homem”; dessa forma, há que se traçar um breve perfil da vida de Lima Barreto, no intuito de dimensionar seus conceitos. Isso requer se acercar de sua herança histórico-familiar de africanos cativos, de suas oportunidades e barreiras sociais, do contexto que o envolveu e aquilatar a substancialidade do “húmus ideológico da sua obra: a origem humilde, a cor, a vida penosa de jornalista pobre e de pobre amanuense, aliadas à viva consciência maximalista, tão emotivo nas Raízes quanto penetrante nas análises” (BOSI, 2006, p.316).

O futuro escritor Afonso Henriques de Lima Barreto não foi o primeiro da família a ter educação intelectual. Seus pais, Afonso Henriques e Amália Augusta, apesar da origem escrava, frequentaram escolas, o que era uma prática incomum entre negros. Ele teve boa formação em humanidades, dominava o inglês e o francês e, embora não tenha se formado médico, passou pelos cursos preparatórios; aprendeu a arte da tipografia, profissão que exerceu em vários jornais, inclusive no que viria a ser a Tipografia Nacional. Ela, ainda muito jovem, tornou-se professora e foi diretora e dona de uma escola para meninas, o que evidencia que ambos conviviam em ambiente intelectualizado e investiam no crescimento social e financeiro da família.

No entanto, desde muito cedo, esse jovem casal conheceu o lado problemático da vida, pelas dificuldades financeiras, doenças e a morte precoce de Amália, o que forçou Afonso Henriques a manter sozinho os quatro filhos ainda crianças (cf. BARBOSA, 2017). Apesar do esforço paterno, foi uma fase árida pela ausência da mãe, e Lima Barreto, o



filho mais velho, amadureceu precocemente; o pai o enxergou como um companheiro e um aliado em suas dificuldades, conversas e reflexões.

Além dos cortes repentinos na estrutura familiar, com 7 anos de idade, o menino vivenciou acontecimentos históricos importantes para o nosso país, muito embora não tivesse muita clareza de seus significados, que só adquiriu com o passar dos anos. Lima compareceu à Festa da Abolição da Escravatura (1888), “a princesa Isabel assinara a Lei Áurea no dia do seu aniversário” (Idem, p.55); acompanhou a queda da Monarquia e a Proclamação da República (1889). Assim, ele assimilou e participou dos “processos históricos em curso” (p.55). Sentiu na própria vida, as consequências das promessas da melhoria na vida de todos, mas que acabaram por oferecer agitações políticas, “a exclusão social de largas partes da população”, com “revoltas e manifestações a favor dos direitos sociais e civis” (SCHWARCZ, 2017, p.9). Algum tempo depois, em 1893, quando estudava internamente no Liceu Popular Niteroiense, onde ficara até concluir o curso secundário, escreveu uma carta ao pai descrevendo os combates da Revolta da Armada, em Niterói (BARBOSA, 2017, p.603-4).

Afonso Henriques defendia ideias monárquicas que o fizeram perder o emprego na Imprensa Nacional e na *Tribuna Liberal*, locais de lideranças republicanas. Ao viver tempos difíceis, sem poder escolher onde trabalhar, ele precisou aceitar a nomeação para a Colônias de Alienados da Ilha do Governador e acumular os cargos de escriturário, almoxarife e agente dos correios.

Como comenta Barbosa (2017), sem poder deslocar toda a família, Afonso optou, inicialmente, por deixar os filhos no Rio de Janeiro. O novo emprego oferecia, além do sustento, o sonho de que todos pudessem continuar a estudar, e, no tempo devido, Afonso Henriques reuniu todos na ilha; só Lima ficou no colégio interno. A compensação era a esperança de que ele viesse a se formar doutor. Ao fim das etapas preparatórias, ele acompanhou a matrícula do filho na Escola Politécnica.

Entretanto, outros contratemplos surgiram, e Lima não conseguiu se formar – precisou trabalhar para ajudar a manter a casa. A paz dos períodos de férias e dos finais de semana, enquanto estiveram na Ilha do Governador, onde o jovem teve experiências agradáveis na sua relação com a natureza, ficaram no passado. Elas só voltam a ressurgir nas páginas de seus livros, como em “Feiras e Mafuás”: “As árvores, os pássaros, cavalos,

porcos, bois, enfim todo aquele aspecto rústico, realçado pelo mar próximo, enchia a meninice de sonho e curiosidade” (BARRETO apud BARBOSA, 2017, p.65).

De repente, a loucura fará parte de sua vida: “seu pai, por causa de umas contas do manicômio que insistiam em não fechar, adoeceu ‘dos nervos’” (SCHWARCZ, 2017, p.12). Uma vez que Afonso Henriques é forçado a se aposentar, eles voltam ao Rio de Janeiro, para o bairro de Todos os Santos, em uma casa que ficou conhecida como “a casa do louco” – as crises nervosas de Afonso se davam com gritos e urros, que incomodavam e traziam humilhações à família.

Tantos foram os infortúnios em se tornar um grande escritor, tantos em adquirir conhecimentos, a ponto de colocar na fala de um de seus personagens o dilema que ele próprio, Lima, enfrentava, se teria valido a pena ter recebido uma formação intelectual como a sua. O narrador de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* assim se expressa: “a educação que recebi, só me exacerba, só fabrica desejos que me fazem desgraçado, dando-me ódios e, talvez despeitos! Por que ma deram? Para eu ficar na vida sem amor, sem parentes e, porventura sem amigos?” (apud BARBOSA, 2017, p.171).

Apesar dos altos e baixos no decorrer de sua vida, Lima nunca deixou de escrever, o que fundamenta a posição de Osman Lins (1974, p.27) de que um verdadeiro escritor necessita “criar em seu espírito um núcleo invulnerável, onde a obra haverá de prosseguir, dia a dia, alheia a quaisquer vicissitudes”, na direção certa à conclusão do trabalho.

Frente aos impedimentos pela vida afora, Lima acaba por também se desequilibrar emocionalmente e passa a beber em excesso. Sofre com as crises de alcoolismo, a ponto de precisar ser internado por duas vezes.

Sobre as razões da primeira internação de Lima Barreto no Hospital Nacional de Alienados, na Praia Vermelha, em julho de 1917, as palavras de Osman Lins nos levam a refletir:

Sua loucura é em geral atribuída à dipsomania. Tal conclusão será inteiramente verdadeira? Bebe muito e mais de uma vez o lamenta no *Diário*. Pode-se, entretanto, supor que as suas crises tenham origem num conflito violento e sem esperança com o mundo, ou, precisamente, com o país onde nasceu, onde vai morrer mais ou menos obscuro. Comprova essa obscuridade a anotação feita por um médico no *Livro de Observações do Hospício*: “Indivíduo de cultura intelectual, diz-se escritor, tendo já quatro romances editados”. Os quatro romances a que tão vagamente se refere o médico, classe cuja fatuidade esse louco e dipsômano vergasta com frequência em suas crônicas, são as

*Recordações do Escrivão Isaías Caminha, Triste fim de Policarpo Quaresma, Numa e a Ninfa e Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá.* (LINS, 1976, p.16).

No *Diário do Hospício*, Barreto (2017a, p.35-6) comenta a segunda experiência, no mesmo local, de 4 de novembro de 1918 a 5 de janeiro de 1919:

Passei a noite de 25 no Pavilhão, dormindo muito bem, pois a de 24 tinha passado em claro, errando pelos subúrbios, em pleno delírio. Amanheci, tomei café e pão e fui à presença de um médico, que me disseram chamar-se Aduato. Tratou-me ele com indiferença, fez-me perguntas e deu a entender que, por ele, me punha na rua. Voltei para o pátio. Que coisa, meu Deus! Estava ali que nem um peru, no meio de muitos outros, pastoreado por um bom português, que tinha um ar rude, mas doce e compassivo, de camponês transmontano. Ele já me conhecia da outra vez. Chamava-me você e me deu cigarros. Da outra vez, fui para a casa-forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoiévski, na *Casa dos mortos*. Quando baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoiévski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria. Ah! A literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela.

Esse é um relato muito próximo ao de Tzvetan Todorov (2009), em *Literatura em perigo* – particularmente no ensaio “O que pode a literatura?”. O pensador búlgaro se refere, nesse texto, a experiência da jovem Charlotte Delbo, que, submetida à prisão, estava desolada, impedida de retirar livros, mas os consegue com a ajuda de uma companheira da cela do andar de baixo, por meio de uma corda tecida com fios do cobertor.

Dessa forma, ela conhece “Electra”, “Don Juan”, a vida de personagens emblemáticos de Dostoiévski, entre outros, que passam a lhe fazer companhia, a habitar seus pensamentos, salvando-a. Anos depois, ela se encontrava desiludida e cega, agora, pelas “Noites e nevoeiro”, de Auschwitz, e só consegue voltar à vida quando se dá conta de ouvir novamente as palavras de Electra e de descobrir “que as personagens dos livros podem se tornar companheiras confiáveis”, que “as criaturas do poeta” “são mais verdadeiras que as criaturas de carne e osso, porque são inesgotáveis” (DELBO, apud TODOROV, 2009, p.75).

Lima Barreto viveu um esgotamento existencial permanente e excessivo desde a mais tenra infância. Para seguir até o final de seus dias, o refúgio no “parati” foi

inevitável. Ele morreu cedo, aos 41 anos de idade, em seu quarto, onde era livre em meio às palavras, aos clássicos da filosofia, literatura, história, política, autores carinhosamente catalogados na sua “irmã”, a biblioteca “limana”, como ele a intitulou.

### **A título de finalização**

Osman Lins e Afonso Henriques de Lima Barreto traduziram literariamente muito da concretude do tempo em que viveram, defenderam a legitimidade da palavra escrita e do escritor em oferecer à sociedade uma visão acerca dela mesma. Apoiados em uma maneira assertiva de se expressar, viveram em guerra com as próprias palavras, mas também com muitos dos poderosos de seu tempo.

Lima, em suas “contradições e conflitos”, foi “um homem de fronteiras. Viveu entre a realidade de humilde amanuense e o sonho de glória como escritor”. No entanto, a ideia de fronteira não significou neutralidade, “por viver posições e realidades extremas, quando compassivo em seus romances, situava-se como um estranho aos sopapos e tamancadas da desabusada pregação político-social; quando endiabrado nas crônicas de forte denúncia”, deixava de lado seu retraimento (MORAIS, 1983, p.13).

Osman Lins, por sua vez, teve um histórico de vida completamente diferente do de Lima Barreto, embora dono de uma personalidade que também não se situou no interregno de uma opinião. Não se intimidou, por exemplo, ao enfrentar uma polêmica acerca dos textos escolhidos para as antologias literárias, tema desenvolvido em *Um mundo estagnado*, em 1966, em que faz sua crítica a autores, professores e a todos os que, de uma maneira ou de outra, participavam de uma proposta didática que em nada contribuía para uma experiência significativa do estudante com a obra literária.

Em seu ensaio *Guerra sem testemunhas: o escritor, sua condição e a realidade social*, publicado em 1969, Lins desenvolve diversos temas, dentre eles o da relação entre escritores e editores. Nesse aspecto, ele expõe pontos nevrálgicos da relação do escritor com a máquina editorial, os quais afetavam a comercialização da obra publicada, bem como a maneira de tratar e de remunerar o escritor, como ele comenta, quase um tabu a atingir principalmente os novatos.

Lima Barreto, sempre às voltas com a questão financeira, não deixou de comentar a importância desses recursos para a vida de um escritor: “para quem quer ser autor e

quer ter na sua obra a necessária e indispensável independência, essa questão está sempre presente e é absorvente” (BARRETO, 2017, p.88). No entanto, quando desejoso de publicar seu primeiro livro, em corroboração às observações de Osman Lins, Lima, cansado de buscar uma oportunidade, recorreu a um editor de Portugal que, para trazer a público *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, o fez renunciar aos direitos autorais.

Muito embora os dois autores tivessem escrito para o próprio tempo, a dicção literária de Lima envolvia a premência da denúncia, ele estava muito focalizado na gente simples e “obscura” socialmente (LINS, 1976, p.11-2). Embora sob outra forma, esses temas estão presentes em Osman Lins, como ocorre em *A rainha dos cárceres da Grécia*, onde os diálogos com a obra de Lima Barreto se fazem presentes.

Na “Apresentação da revista Floreal”, Barreto (2017, p.55) esclarece que a sua maneira de se expressar literariamente não tem a intenção de “trazer a público obras que revelem uma estética novíssima e apurada”. Em sua defesa, Osman Lins (1976, p.17) comenta que Lima estruturou um núcleo duro e vital, em que “as consideradas desigualdades de nível” acabam por ser unificadas, como acontece em várias passagens “mediante certas características de ordem literária e humana que atravessam todos os seus livros – ou, até, todas as suas páginas –, dando-lhes grande homogeneidade” (Idem).

Ligado aos fatos cotidianos em sua imediatez, Lima deixou de lado a plasticidade em sua escrita, “o seu estilo simples, direto e objetivo nada tem a ver com a pompa, o floreio, o brilho da retórica usual. É ele o anticonvencional, É o antiacadêmico. E ainda mais do que isso: é o revolucionário” (BARBOSA, 2017, p.241). O caminho estético de sua obra vai, portanto, na via contrária da de Osman Lins, que, em suas narrativas, introduziu elementos geométricos, barrocos, ornamentais, recursos com que ordena o seu cosmo literário.

Dessa forma, ao escolher Lima Barreto para se dedicar, Osman Lins ampliou os próprios horizontes na maneira de ver o autor carioca e passou a entendê-lo como parte do nosso patrimônio literário. Esse olhar foi se desenhando em seu espírito à medida que ele se “debruçava, com atenção e assiduidade cada vez maiores, sobre os livros do grande louco e boêmio” (LINS, 1976, p.12). Lins foi se dando conta de que certas críticas à obra limeana nada tinham a ver com a obra em si, mas com “razões extraliterárias”, por exemplo, ironias e censuras ostensivas às idealizações preconceituosas das classes dominantes, de que tratavam os seus textos (p.12).

## Referências

- BARBOSA, F. de A. *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*. 11<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BARRETO, L. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Diário do hospício; O Cemitério dos vivos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017a.
- \_\_\_\_\_. *Impressões de leitura e outros textos críticos*. Organização e introdução Beatriz Resende; prefácio Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017b.
- \_\_\_\_\_. *Numa e a ninfa*. Penguin Classics Companhia das Letras, 2017c.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 43<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- LINS, O. *Um mundo estagnado*. Recife: Imprensa Universitária, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Guerra sem testemunhas: o escritor, sua condição e a realidade social*. São Paulo: Martins, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Guerra sem Testemunhas: o escritor, sua condição e a realidade social*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Evangelho na taba: outros problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1979.
- MORAIS, R. *Lima Barreto: o elogio da subversão*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PRADO, A. A. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- SCHWARCZ, L. M. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SEVCENKO, N. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República (Edição revista e ampliada)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TODOROV, T. “O que pode a literatura?”. In: \_\_. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

**Darcy Attanasio Taboada Ramos** é doutora e mestre em Letras na área de Teoria Literária e Literatura Comparada, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo.